A FORMAÇÃO DE OBREIROS

INTRODUÇÃO

O tema que trataremos é a formação de obreiros. Devo dizer que é um tema que me apaixona. Desde o princípio nos meus trabalhos de pregação e formação de igrejas, sempre o tinha presente como um elemento fundamental para o crescimento e a estabilidade da Igreja. E foi a isto mesmo que Jesus empregou sua maior dedicação. A formação de obreiros foi a prioridade número um de seu ministério entre os homens. E isto, porque era precisamente por meio destes obreiros que Ele perpetuaria seu ministério sobre a terra.
Desde o princípio, quando começaram soprar os maravilhosos ventos do Espírito Santo sobre nós em Buenos Aires, havia certas palavras chaves que Deus imprimiu muito profundamente em nossas mentes e corações:

UNIDADE, MULTIPLICAÇÃO, EDIFICAÇÃO

Entendemos , então, que Deus tem uma só família, que é sua igreja e, portanto, como servos seus, temos que trabalhar para sua unidade. Deus quer uma igreja em cada cidade. Também quer Ter muitos filhos, isto nos imprimiu a urgência de multiplicar-nos. Porém, Ele quer que cada um dos redimidos sejam iguais a Jesus. Em vista disso, anotamos a palavra “edificação”, porém, logo nos demos conta que nossa proposta era incompleta. Como poderíamos realizar plenamente esta obra sem obreiros?
Quando pensamos em obreiros, pensamos em atividade, trabalho, avanço. O obreiro é parte vital de todo empreendimento. Assim como as colheitas perdem-se e os campos tornam-se áridos por causa da falta de braços que lavram a terra, também a igreja mingua e morre por falta de obreiros qualificados e responsáveis.
Se a Igreja irá crescer, também terá que crescer o número de obreiros. Assim como é inútil pensar na multiplicação de pássaros se não multiplicarmos os “casais” de pássaros que cuidarão das ninhadas, igualmente é inútil propor a multiplicação de discípulos se não multiplicarmos, juntamente com eles, os pais e mães espirituais que lhe darão cuidado.
Deus está interessado na grande multiplicação de seus filhos, e Ele nos deu um encargo: que produzamos uma multiplicação de esteja em contínua expansão. Que seja como um enorme imã, o qual retenha e contagie todos. Evidentemente, a dinâmica de tal expressão depende fundamentalmente da maneira que sejamos capazes de produzir e multiplicar obreiros.
Esta expansão contínua de discípulos e obreiros é a única maneira de nos projetarmos sobre as futuras gerações. Do contrário , nossa obra se extinguirá. Esta foi a chave no pensamento de Jesus. Nenhuma outra consideração ocupou tanto sua atenção. Sua maior dedicação foi concentrada na formação de doze homens, seus obreiros, e fez de maneira tão eficaz que eles atingiram completamente seu objetivo.
Nestes dias, estamos admirados com a presença de multidões envolvidas pelo impacto do Evangelho nas grandes campanhas. Também temos visto verdadeiras multidões respondendo ao chamado. Graças a Deus pelo bom fruto que permanece.

Porém, ficamos preocupados ao comprovarmos o pouco que isto representa. Notamos outra vez, que uma das razões principais desse resultado é a falta de obreiros em qualidade e em quantidade suficiente para realizar a colheita.
Nosso clamor realmente é: “Ó Deus, dá-nos obreiros!”

1) CADA DISCÍPULO, UM OBREIRO

Este é um princípio importante que devemos estabelecer desde o início em nosso estudo. É fundamental que entendamos isto: cada discípulo é um obreiro. Cada crente, cada convertido, cada discípulo deveria ser um obreiro do Senhor. E não me refiro a um sentido relativo, mas absoluto: cada discípulo, exercendo os dons e as faculdades dadas pelo Espírito Santo.
As irmãs também ? Sim; nesse tema que estamos abordando não há diferença entre homem e mulher. Isto temos que assimilá-lo profundamente, porque, caso contrário, não funcionará.

Vejamos o que nos ensinam os apóstolos:

a) *“Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço...”* (Ef. 4:12)

Nesse texto Paulo destaca claramente que a primeira responsabilidade do presbitério é o “aperfeiçoamento” (ou edificação) a fim de que cada um desenvolva e exercite o ministério que o Senhor lhe deu.

Duas coisas devemos destacar:

1) Referindo-se aos “santos”, está se referindo a toda a Igreja, e, portanto, a cada membro em particular.

2) A instrução comunicada a cada um consiste em colocá-lo na função de ministrar (ou, servir “diakonia”) na Igreja.

a) *“Nos reconciliou... e nos deu o ministério da reconciliação”*. (II Co 5:18)

Paulo refere-se aos “reconciliados”, portanto, a toda a Igreja; a cada membro, homem ou mulher; e diz que, por serem reconciliados, receberam o ministério da reconciliação. A seguir passa a especificar em que consiste este ministério:

“..... pôs (Deus) em nós a palavra de reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo”.
Prossegue especificando mais claramente a função:

“... como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos pois da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus.

Em seguida, dá-nos uma espécie de modelo dessa “palavra de reconciliação:

“Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” II Co. 5:21

Neste texto, dificilmente podemos interpretar que Paulo refere-se a si mesmo e aos demais apóstolos. É corretíssimo entender, literalmente, que todos os "reconciliados" (quer dizer; toda a Igreja; cada redimido) recebe esse ministério. Para esse esclarecimento deve-se comparar esta passagem com as palavras de Pedro em
I Pe 2:9.

b) *"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações..."* (Mt. 28:19)

Finalmente, a fim de esclarecer que cada um dos "santos", dos "redimidos", deve exercer o ministério comum que Deus lhe deu, vejamos agora o mandamento de Jesus em sua grande comissão.
A quem comissiona ? Pareceria que fora aos apóstolos daquele momento, porque disse que os chamou. Porém, como diz que a comissão é "até aos confins da terra", será, então, a todo o ministério apostólico através dos séculos ? É fundamental que nos coloquemos de acordo sobre este ponto. Se o Senhor dirige o chamado a certos ministérios especiais, é uma coisa. Porém, se descobrirmos, concretamente, que Ele está dirigindo-se a toda a Igreja, é também outra.
A comissão não se cumpre meramente por chamar pessoas, mas sim por ungi-las a fim de que tenham a autoridade divina para realizá-la completamente. O chamado vai junto com a unção. Os que têm a unção são os que têm que ouvir o chamado, Jesus anunciou, na hora certa, aos que estavam com Ele no monte: *"Recebereis poder... e sereis minhas testemunhas..."* (At. 1:8). Mais tarde, Pedro anuncia aos que receberam a palavra no dia de Pentecostes: *"...Pois para vós outros é a promessa... para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar".* (At. 2:39).
Passara aproximadamente cinquenta dias que o Senhor dissera aos seus discípulos para não saírem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai. Com as mesmas palavras, Pedro anuncia à multidão de discípulos que essa promessa também estendia-se a eles, mesmo tendo-se em vista que estavam se convertendo naquele instante.
Não resta nenhuma dúvida que o mandamento de Cristo na grande comissão é dirigida a todos e a cada um dos seus discípulos, sem distinção de sexo ou de dom. Este é o principio da grande colheita.
A Igreja que compreende esse princípio é formidável. Bem-aventurados os pastores que o entendem, o vivem e fazem vivê-lo cada um de seus membros, sem exceção de nenhum: novos na fé, velhos, anciãos, crianças batizadas, homens e mulheres, todos. Todos, sempre, de todas as maneiras e em todo lugar. Isto não é somente uma ocupação que produz muito fruto, mas que dá saúde e defesa para a igreja, é um indispensável elemento formativo. Ninguém poderá valer muito ao ingressar em outros ministérios se não experimentou profundamente esta escola.
Este é o princípio da colheita. Como se pode entender que semeamos alguns poucos quilos de semente, cada uma de insignificante tamanho, e colhemos toneladas ? Será que algumas plantas deram milhares de quilos de frutos ? Não: cada uma deu um pouquinho. O princípio divino que opera as maravilhosas colheitas resume-se, simplesmente em:

Todas as sementes, constantes e fiéis, produzem sua pequena cota de fruto, e, entre todas, produzem a grande colheita.

Este incrível e maravilhoso método de Deus para produzir colheitas é o mesmo método que Ele propõe para a multiplicação da igreja. Porém, o diabo é o grande inimigo deste plano. Ele confunde-nos, complíca-nos, procurando ofuscar essa glória e benção tão simples. Ele faz as mulheres crerem que devem somente criar filhos e ocupar-se da casa. Quando perdemos "as que evangelizavam", descobri que perdemos dois terços dos frutos. Às crianças e aos jovens lhes é dito que têm muito a aprender e, aos idosos, que já não servem mais para nada. E aos pastores e diáconos, que organizem alguma coisa. Devemos prestar atenção: o "ladrão" sempre está perto: alguns sempre estão buscando um método mais rápido e melhor. O resultado é uma igreja adormecida. Depois, com uma campanha, procuramos despertá-la e preencher o vazio do fruto que não se obteve. Porém, como não há discípulos treinados e obreiros capazes, faltam "braços para manejar a rede"... e perde-se o fruto. E, ao final, o que houve foi somente um grande entusiasmo. Parece que Deus está nos dizendo: "vê a semente, ó preguiçoso... aprenda e sê sábio".

2) A PARTIR DO CHAMADO COMEÇA A FORMAÇÃO

Talvez tenhamos nos apercebido de quão importante é o evangelho que pregamos para a formação de obreiros. Vocês sabem que no próprio chamado está o germe do produto que iremos obter ? Alguns pensam que devemos começar dando pouco do evangelho, depois trataremos de dar o restante. Estamos aprendendo, com dor, a falência deste método. Não é fácil endireitar algo que nasceu torto.
O evangelho é uma semente que deve conter em si todos os elementos vivos e ativos do discípulo que vamos obter. Como sucede na natureza com a semente, assim irá suceder na pregação do evangelho. A semente contém tudo o que irá ser a árvore ou a planta que sairá dela. A lei de Deus é que cada espécie produz segundo a sua natureza. Assim sucede com o ovo de uma ave ou com um óvulo fecundado. Também contém a faculdade da reprodução de si mesma. Disse Deus: *"produza a terra... árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela"* (Gn. 1:11).
Quando Jesus pregou o evangelho, teve especial cuidado em apresentar toda a mensagem, incluindo as advertências e as condições. Não havia nenhum engano em sua forma de pregar, nem jamais deixou ninguém confundido. Ele realmente pregou o evangelho do reino, visando recrutar homens comprometidos, os quais depois realizaram seu próprio serviço. Jesus deixou muito claro que o evangelho do reino estabelecia o governo de Deus sobre a vida dos homens. Após receberem o evangelho , o fundamental era que todos permanecessem sob a vontade de Deus a fim de servirem aos propósitos de seu reino. Isto é o que Jesus enfatizou. Esse princípio se vê em sua declaração:
" Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça..." (Jo. 15:16)

3) O CONTEXTO INDISPENSÁVEL

Na formação de obreiros é também de vital importância o contexto no qual ele irá ser formado. Anos atrás, quando eu não tinha conhecimento de algumas dessas verdades, estava muito preocupado porque os novos discípulos que se batizavam

não permaneciam. Então redobrávamos nossos esforços a fim de produzirmos um melhor ensino para os que se batizavam.

Porém, meu problema não se solucionou e, por mais que melhorássemos as aulas e esperássemos mais tempo para os batismos (naquele tempo celebrávamos um ou dois por ano), sempre sofríamos a mesma desilusão. Depois compreendi: era a igreja que estava mal! Quando os que se batizam são introduzidos em uma igreja cheia de amor e santidade, onde sente-se a presença do Senhor, quem quer ir embora ? Alguém ir embora é, então, a exceção.
Não é suficiente que uma criança nasça sadia, também é necessário colocá-la em um ambiente onde tenha todos os recursos para seu cuidado e desenvolvimento.
O pássaro em seu ninho, no galho de uma árvore diante da imensidão do céu, ar, campos e flores; os peixes nas profundezas dos rios e dos mares, rodeados dos mais exóticos e infinitos recursos. Cada animal sente-se feliz e realizado no ambiente em que Deus lhe colocou. Até o verme é feliz... estou seguro, Deus domina o meio-ambiente – contexto – em que devem criar-se e desenvolver-se seus discípulos; em uma só palavra: igreja.
É muito comum ouvir-se dizer que os convertidos ao Senhor têm tudo. “Já estás salvo, tens teu nome escrito no livro da vida, o Espírito Santo habita em ti. Agora tens que cuidar de tua salvação. Leia a Bíblia, ore e não falte às reuniões”.
No entanto, diria que eles não têm tudo, o que lhes foi oferecido não será suficiente para desenvolvê-los. Então, de que necessitam ? Necessitam:

a) Unir-se como membro ao corpo de Cristo, que é a Igreja

Aqui não é necessário fazermos um estudo sobre a igreja, mas sim, anotar elementos que nos trarão importantes esclarecimentos.
Em Atos capítulo 2, Lucas registra uma importante seqüência dos passos propostos pelos apóstolos à igreja que nascia naquele momento. É esclarecedor voltar às origens. Eu diria mais: não a percamos de vista. Os começos de Deus recordam-nos todos os elementos que estavam funcionando.
Deus não tem necessidade de ensaiar ou de praticar as coisas que irá fazer. Também não muda. Como era no princípio será até o fim. A igreja, que é sua obra predileta, também não muda: A igreja não se moderniza e nem fica velha; a igreja será sempre a igreja, como Deus a fez, até a vinda do Senhor.
Lucas diz em (At. 2:41) *Então os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas.*
Eu pergunto: a que se agregaram os três mil ? Aos cento e vinte que estavam com os apóstolos. Os novos, recém nascidos, agregaram-se, uniram-se com os que já tinham vida formada.
Estes cento e vinte constituíram o contexto vivo e saudável – o meio ambiente – para os três mil novos discípulos.

Não foram meramente convidados a ler a Bíblia, orar, assistir aos cultos, receber de vez em quando uma visita pastoral e visitarem-se entre si. Não era isto, mas sim uniram-se a um corpo vivo. O que os apóstolos pregavam, os cento e vinte viviam. Os três mil uniram-se a essa vida; foram contidos nela.

Lucas diz:

(At. 2:42-46) 42 E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. 43 Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. 44 Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. 45 Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. 46 Diáriamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração.

(At. 4:32) Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nenhuma das coisas que possuía; tudo porém lhes era comum.

Assim foi a experiência de unidade que viveu a igreja já em sua origem: O que estava morto recebeu a vida de Cristo Jesus pelo evangelho e veio ajustar-se, unir-se, depositar-se totalmente na massa candente de vidas e espíritos que tinham os cento e vinte. Estes, como levedura espiritual viva, penetraram nos três mil e os levedaram por completo. Em pouco tempo eram três mil cento e vinte... e não se notava a diferença.
Refiro-me a esse processo quando digo que, na formação de homens para o ministério, é indispensável este contexto. Podemos pregar-lhes, apresentar-lhes programas de estudo, fazê-los lerem livros e traçarem esquemas em uma lousa. Tudo isto é bom. Tudo isto fazemos e iremos seguir praticando. Porém, não é suficiente. Somente conseguiremos uma intelectualização de sua formação, mas não a formação de fato. Somente a união vital com um corpo vivo pode produzir a formação que se requer.
Porém, realmente, como era essa comunidade de discípulos ? Não somente eram espirituais, oravam, cantavam, louvavam, aprendiam as doutrinas dos apóstolos e se comportavam bem, tinham paz e bom testemunho. Tinham mais. Isto não teria sido suficiente para formar os três mil como obreiros aprovados. É que também esforçavam-se, dia e noite, em levar o evangelho pelas ruas, praças, casas e no templo. Os três mil tinham que envolver-se nas grandes, contínuas e sacrificiais atividades de um mover de discípulos repletos de zêlo santo ao servirem o Senhor. Estes discípulos venceram sua comodidade, romperam o contexto burocrático de sua vida materialista. Puseram seu coração e suas vidas nas mãos e enfrentando, se fosse necessário, o martírio, levaram o evangelho a todas as partes de sua cidade. Eram notórios, públicos; “cartas conhecidas e lidas por todos”. Levaram o evangelho às regiões longínquas. Não tinham rádio, televisão, papel, ou imprensa; nem sequer organizaram campanhas, porém, viveram e trabalharam até encher todas as partes com o evangelho e colocar cidades e impérios sob o poder do evangelho.
Este foi um “meio de cultura” adequado para a formação dos três mil. Penso que o normal entre eles era ser obreiros, plenos de sabedoria e coragem.
Não é meu propósito fazer análise de suas características e virtudes. Pretendo destacar somente uma coisa:

“Na formação de obreiros, o contexto (meio ambiente) é fundamental. Nossos discípulos necessitam de duas coisas para desenvolverem-se: companheirismo e exemplo”.

Vamos dar, a seguir, uma olhada de perto na igreja, tal qual é descrita por Paulo. Mais do que ficar admirados com sua vida espiritual, creio que temos algo mais a aprender sobre sua comunhão como corpo de Cristo.

b) A igreja – Corpo unido pelas juntas

Durante vários anos, o capítulo 4 do apóstolo Paulo aos Efésios tem nos ensinado importantes lições no que diz respeito aos ministérios e suas funções na igreja. Penso que ainda está nos ensinando. Espero poder, neste estudo, ressaltar um aspecto do funcionamento da igreja como corpo, no meu entender, é de maior importância. Talvez descubramos algum segredo que possibilitou à igreja primitiva ser tão plena de vida e amor.
Há uma frase referente à essa igreja que sempre me impressionou e me fez meditar muito: *“E era um o coração e a alma da multidão dos que criam...”*(At. 4:32). Haverá uma lição a aprender disto?

Vejamos o que Paulo ensina:

Ef. 4:11-13 11 *E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, 12 com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho dos seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, 13 até que todos cheguemos a unidade da fé e do pleno conhecimento do filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo*.

O tema é:

Os ministérios na edificação da igreja

“E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, o varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo”.

Menciono de passagem este trecho. É talvez, uma das passagens mais meditadas neste capítulo. Direi somente que ela serviu para revisar e atualizar-nos a respeito dos ministérios que o Senhor quer restaurar em sua igreja nestes dias, quero destacar que quando mencionamos: “pastores e mestres”, parece-nos que já chegamos ao final do ministério que Deus colocou na igreja. Ainda agregaríamos diáconos e diaconisas e depois os diversos dons e operações do Espírito Santo. Isto seria tudo, e aí terminariam os ministérios na igreja.
No entanto, estamos descobrindo algo: a relação prossegue e somente termina nos versículos 15 e 16.

E, se me permitem, o que segue abaixo é o complemento indispensável dos ministérios dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, caso contrário, eles ficam incompletos. Não funcionam bem! Devemos, então, ler e compreender a passagem completa desde o versículo 11 até o 16.

O ministério das juntas do corpo

*"*Ef. 4: 15,16 15 *Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, 16 De quem todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor."*

Destacamos o seguinte:

a) Paulo apresenta a Cristo como cabeça de seu corpo. Aqui Cristo volta a ser a pessoa dominante, ou seja, aquele que constitui (v. 7-11); Dele flui graça como cabeça do corpo (v.15)

b) No versículo seguinte, Paulo trata mais particularmente do corpo e da função das juntas. Toda a graça do corpo vem da cabeça: "do qual todo o corpo..."

c) Paulo agora expõe os princípios de funcionamento das juntas do corpo. Devemos notar que ele não está referindo-se a algo casual ou sugerido, mas declara em forma de mandamento. Repito, ele não está sugerindo, mas mandando. Está dizendo que assim é a maneira como deve funcionar o corpo.

Falemos agora sobre cada indicação que Paulo dá:

a) Todo o corpo. Todo membro do corpo deve cumprir as funções que Paulo declara. Ninguém deve abster-se. Não exercer essa função equivaleria a andar espiritualmente mal.

b) Bem ajustado, e ligado. Convenientemente relacionado e comprometido com a função que se requer. No nome do Senhor, para seus propósitos e glórias.

c) De todas as juntas. Cada um é junta de seu irmão. Criados em Cristo como parte um do outro. Na medida em que compreendemos o sentido das palavras de Paulo, é impressionante como se deixa de lado todo conceito de estar sozinho, de ser independente e isolado.

d) Segundo a justa operação de cada parte. Devemos notar que é uma ação mútua. Que é para ajudar-se: proteger, animar, consolar, etc. Nesta ação se exercem os dons e virtudes concedidos pelo Espírito Santo.

e) Faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor. O fruto. É importante destacar que em toda esta seção, em que Paulo faz uma exposição completa dos distintos ministérios, suas funções e frutos, a única vez que aparece a palavra "amor" é nestes dois últimos versículos em que se fala das juntas do corpo. Sugiro que os versículos 12 e 13 refiram, principalmente, ao aspecto

estrutural do crescimento. Porém aqui, na definitiva função das conjunturas, completa-se e torna-se efetiva a edificação.

Este conceito exposto acima torna-se mais claro quando tomamos conhecimento do que Paulo diz aos Colossenses: *"Habite ricamente em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão em vosso coração"*.
(Cl. 3:16).
Podemos compreender todo o bem espiritual, e o amor que se desprendem desta relação de juntas, se é que ela é praticada conforme Paulo nos diz. Não creio que possamos pensar em um exercício mais formativo. E para esta relação há uma maravilhosa promessa do Senhor: *"Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, alí estou no meio deles"*. (Mt. 18:20).
Evidentemente estou falando de um ministério quase desconhecido. Não se trata de uma mera relação, mas sim de um compromisso entre dois discípulos para exercer uma profunda e sincera relação de amor e serviço mútuo. Cada um vive a serviço do outro, com o fim de ensinarem-se, exortarem-se, e juntos levarem as cargas do serviço para o Senhor.
Esta relação de amor é impossível sem o auxílio do Espírito Santo imprimindo em cada um o caráter de Cristo. Foi para isto mesmo que Paulo escreveu aos Colossenses:
"Revesti-vos pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, ..." (Cl. 3:12-15).

Essa dimensão era vivida pela igreja primitiva. Foi o que a formou em santidade e a fez um só coração e uma só alma. Esse formidável ministério de juntas do corpo de Cristo forma, transforma, trata com egoísmo e com o orgulho do coração. Forma humildes e ensina-os à serem misericordiosos. Dá poder à oração, dá força e torna eficaz o ministério de cada um... Forma discípulos, forma obreiros. Transforma a igreja em um corpo vivo, capaz de abençoar e transformar todo aquele que ela recebe em seu seio.

4) A ESCOLA DE DEUS

Eu não sei porque temos marcado tão fortemente o começo da igreja no livro de Atos, quando seu nascimento realmente se origina nos evangelhos. Evidentemente, ao cometer esse erro perdemos lições vitais em vários assuntos como, por exemplo, o tema que agora nos ocupa: a formação de obreiros.
Recordo que, anos atrás, quando estava estudando as palavras de Jesus em Mt. 28:19-20, repentinamente o Espírito Santo iluminou-me cinco palavras da frase ali registrada : "Ide, fazei discípulos, ensinando-os a guardar..." Em um instante percebí a enorme importância dessas palavras. Abriram-se todo um mundo de considerações. De repente, compreendi a importância dos evangelhos. Agora representavam para mim o manual que registra o modo de trabalhar de Jesus: Não era Ele o grande exemplo que eles teriam que imitar ? Não lhes havia instruído minuciosamente durante três anos e meio ? A tarefa que agora teriam que cumprir não era a mesma realizada por Jesus ? E se era assim, acaso Ele queria que trabalhassem de outra maneira ?

De repente compreendi a enorme importância que tinha a “escola” que Jesus havia dado aos seus discípulos, e como necessitavam de todas essas lições para realizarem plenamente a obra que Jesus lhes havia encomendado.
As palavras de Jesus: “Eu sou o caminho... segue-me...”, adquiriram um novo e profundo sentido para mim. Seu desejo não era que seguissem somente sua doutrina, mas também sua forma de trabalhar e sua estratégia. Pela primeira vez compreendi que era tão importante saber o que quer o Senhor, como também como Ele quer que se faça.

a) Em que consistia a “escola” de Jesus ?

Consistia em algo muito simples:

- Um homem, Jesus,

- Com uma missão específica, que consistia em comunicar aos homens o Reino de Deus, convidá-los a recebê-lo e serem salvos por meio da redenção que Ele mesmo efetuaria.

- Toma alguns homens:
  “Para que estivesse com Ele...”
  “Para enviá-los a pregar...”
  “Transmitindo-lhes sua autoridade...” (Mc.6:7)

b) Quais exigências lhes eram impostas ?

- Primeiro: Os discípulos tinham que alcançar a mesma estatura de seu Mestre. Eles tinham que ser, dizer e fazer igual a Ele.

- Segundo: Teria somente três anos e meio para recrutar, ensinar e enviá-los para a tarefa. Depois desse prazo Ele já teria deixado a terra e voltado ao céu.

- Terceiro: Durante estes três anos e meio, além da tarefa de formar discípulos, estaria todo o tempo envolvido em uma intensa tarefa de pregar e atender às necessidades de grandes multidões em toda a extensão de Israel. Isso lhe imporia também a necessidade de estar viajando continuamente.

Como vemos e avaliamos essa situação ? Qualquer pessoa que conheça alguma coisa de pedagogia diria que a tarefa que se impunha a Jesus era impossível de ser realizada. Era uma loucura. Como, uma pessoa tão intensamente ocupada em outras tarefas, teria tempo para formar esses discípulos ? Ainda que se dedicasse exclusivamente a formação de seus discípulos, deixando de lado o trabalho com as multidões, como poderia, em três anos e meio somente, obter deles o nível tão elevado de sua própria estatura ?
Alguém poderia opinar que a única possibilidade seria contar com homens que tivessem já uma avançada formação. Porém, sabemos que não foi assim, mas sim o contrário disso: O Senhor escolheria homens sem preparação, que nem remotamente haviam sequer imaginado a tarefa para a qual lhes designaria. Nos cálculos do Senhor seria algo excepcional usar alguma pessoa de maior preparo.

No entanto, sabemos que Jesus cumpriu admiravelmente sua missão. Antevendo o fim de seu tempo na terra, orou a seu Pai: *"Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer.* (Jo.17:4)

a) Que explicação podemos dar ?

O comentário que faremos constitui um ponto medular em nosso estudo. Diria que é a lição por excelência que precisamos aprender. Observemos:
A estratégia do ensino de Jesus fundamentava-se em dois princípios simples:

Exemplo e companheirismo

Compreender cabalmente isto, significa encontrar-se frente a frente com o mais simples e descomplicado método de ensino que se possa conceber. É evidente que na estratégia de Jesus não entrava o conceito de seminários, estudos sistemáticos, aulas de estudo que, hoje, são considerados indispensáveis.
É evidente que os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. E é importante notarmos que são seus métodos que temos que adotar se pretendemos formar homens que lhe sirvam. Se não entendermos isto, evidentemente iremos fracassar.

b) Exemplo

O exemplo é o mais excelente método de pedagogia, nada o supera. Há filósofos que dizem não haver outro. O que não se ensina com o exemplo... não se ensina. Na escola do exemplo, a atenção dirige-se a dois elementos. É indispensável que não falte nenhum dos dois:

O mestre precisa ser e trabalhar como quer que seu discípulo seja e trabalhe

O discípulo precisa ter a disposição de ser e fazer como seu mestre.

Quanto ao ensino que temos que comunicar, tenhamos em vista que, realmente, não se trata de regras e preceitos, mas sim de uma Pessoa: A pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus. *"E a vida eterna é esta: que te conheçam..."* (Jo. 17:3). Jesus comunicou este conhecimento ao revelar-se aos seus discípulos. Ele era a imagem, com todos seus valores, que se apresentava agora entre eles para ser imitado.
Agora somos nós, os que pelo Espírito Santo temos a presença de Jesus, que devemos dizer como Paulo: *"Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo"*. (I Co. 11:1)

c) companheirismo

Jesus expressava seu chamado com somente uma e significativa palavra: "segue-me". Literalmente, Jesus dava-se a si mesmo. Ele era o "pão" que se oferecia para que os homens comessem. Pregava, porém, Ele mesmo era a substância de sua pregação. Responder à sua mensagem consistia em vir a Ele, relacionar-se, associar-se, "comungar". A relação de Jesus com seus discípulos revela precisamente isto. Ao seguir a Jesus acharam um amigo.

Sentiram-se recebidos, compreendidos, honrados e amados. Nunca haviam conhecido semelhante e doce companheirismo e amor. *"Como havia amado os seus..... amou-os até o fim..."*
(Jo 13:1). Também descobriram que esta relação estava cheia de inefável significado: acharam o Pai, a vida eterna e o chamado supremo para suas vidas.
Porém, Jesus também necessitava deles. Eles eram seus amigos, sua companhia, sua equipe de trabalho. Eles eram seu consolo. Quando ninguém o compreendia, eles compreendiam. É importante notar a tristeza de seu coração nas ocasiões em que experimentou terrível solidão. Sua alma clamava pelos seus... seus discípulos tinham um papel importante no cumprimento de sua missão.
Mas havia um ingrediente indispensável que estava presente, para que Jesus cumprisse a tarefa de formar aqueles homens:

Eles tinham que estar juntos a Ele na própria realização e desempenho do seu ministério.

Isto era fundamental para formá-los à sua imagem. Tinham que estar ali, junto Dele. Vê-lo, Apalpar-lhe, Ouví-lo, Contemplá-lo. Por mil canais tinham que recebê-lo e conhecê-lo até que Jesus se tornasse carne neles. Era, então, onde exclamariam: *"Tu tens as palavras de vida eterna. E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus".* (Jo 6:68-69). Foi ali onde Pedro exclamou: *"Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo"* (Mt. 16:16). Foi por essa experiência que João exclamou: I João 1:1,2 "... 1 o *que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam com respeito ao Vebo da vida. 2 (E a vida se manifestou, e nós a temos visto...)".* O que haviam visto ? Haviam visto a Jesus em toda a glória de seu ministério, sua pregação, sua autoridade, sua sabedoria.
Dizíamos antes: como era possível que Jesus realizasse o trabalho e ao mesmo tempo desse atenção às multidões, viajando incessantemente, em vez de instruir aos seus discípulos ? Agora já temos a chave:

Seus incessantes trabalhos e atenção às multidões e suas contínuas viagens, longe de atrapalhar o ensino aos seus discípulos, constituiram-se na própria "aula" de treinamento.

Esse contexto provia ao Mestre elementos insubstituíveis para o ensino e formação de seus discípulos que não teria sido possível obter de outra maneira.
Comumente se diz: "O chacareiro se forma na chácara". E esta era a "chácara" de Jesus. Deus espera que entendamos isto. Vê-se que Jesus não tinha tempo para o que fosse meramente teórico ou acadêmico. Com o teórico não teria conseguido nada, e com o acadêmico somente seria produzido homens intelectuais. Inúteis para a obra a que Ele queria enviá-los.
Quando Jesus concluiu sua obra, não havia formado grandes oradores, conferencistas ou notáveis pensadores. Os fariseus os desprezavam porque os viam como "homens sem letras". Porém, uma coisa notaram: "viam que haviam estado com Jesus". Isso era o suficiente para Ele.
Devemos observar o companheirismo de Jesus com seus discípulos em dois sentidos. Não somente Ele se deu a eles, mas que eles também foram apoio,

estímulo e consolo para Ele. Eles eram os que participavam com entusiasmo em tudo o que fazia, enquanto outros o ridicularizavam, zombavam e o desprezavam. Quando a multidão não lhe compreendia, eles alegravam-se e recebiam sua verdade com todo coração. Eles eram parte Dele, sua "equipe de trabalho". Que teria feito sem eles ?

Quando contemplamos todo este quadro de Jesus e seus discípulos, temos que admitir o que Deus diz: "Meus caminhos não são os vossos caminhos...". Tudo parece tão ilógico para os nossos conceitos. Mas, ao final, aquele que Deus chama para serví-lo não deve ser formado com seus métodos ? Penso que seremos prudentes ao entender que:

O Espírito Santo não nos apresenta o método de Jesus como uma alternativa a mais, mas sim como a única.

É o método de Deus, e é o que Ele respalda. Se o imitarmos dará resultado.

5) É DEUS QUEM FORMA OS OBREIROS

O Senhor diz: *"Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor"* (Jo.15:1). Nunca antes senti tão forte como nestes últimos tempos, que a obra é Deus quem a faz. Ele é o "Grande Realizador" de tudo. Vejo a importância de determinar firmemente em minha consciência que não sou eu quem faz a obra. Jesus, o perfeito servo, disse: *"Eu nada posso fazer de mim mesmo..."* (Jo 5:30) "....*O Pai que permanesse em mim, faz as suas obras".* (14:10)
Se assim é, que parte refere-se a nós ? Nós somos seus cooperadores. E como tais, nossa maior virtude é entender bem nosso papel e sermos bons cooperadores. Paulo o entendeu bem: *"Eu plantei; Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus"* (I Co. 3:6).
Ao compreendermos esta verdade, já não nos parece estranho descobrir que nem Jesus nem os apóstolos dão indicações de como fazer obreiros. Somente duas coisas nos dizem. Por um lado, nos dão abundantes explicações sobre como deve ser um obreiro; e por outro, a história detalhada da maneira de agir de Cristo e dos apóstolos.
O Senhor não nos mandou fazer obreiros. Ele mandou-nos fazer discípulos, mas não obreiros. Qual é o mandamento do Senhor que nos diz respeito à formação de obreiros ?

".....Rogai pois ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara". (Lc.10:2).

Isto é assim porque Deus é quem faz a obra. Foi o Pai que colocou esses discípulos nas mãos de Jesus: ...*"Eram teus, tu mos confiaste..."* (Jo. 17:6). Sempre colocamos ênfase em que Jesus os escolheu, porém, seu maior empenho era conhecer a vontade do Pai e receber o que Ele lhe dava. Foi o Pai que os *"santificou na verdade..."*; foi o Pai que *os "guardou".* (v. 19,11).
O que Jesus lhes deu ? Deu-se a si mesmo a eles. O Pai tomou de Jesus e o repartiu a eles. Qual é nossa parte ? Aprender a:

Relacionar convenientemente os elementos para que Deus possa fazer a obra.

É o exemplo do ovo e da galinha. Se vejo uma galinha agachada no chão, e em outro lugar vejo um ovo em um cesto, que devo fazer para que nasça um pintinho desse ovo ? Muito simples: colocá-lo debaixo da galinha. Qual será o resultado ? Nascerá um pintinho. É importante observar que não fiz o ovo, também não fiz a galinha. Quem fez o ovo, e, quem fez a galinha ? Deus. O que fiz ?
Coloquei o ovo, que estava no cesto, debaixo da galinha choca. Essa foi minha parte, e, como fiz a minha parte, Deus fez a sua. Não preciso complicar-me fazendo ovos e galinhas. Deus faz isso. Mas, como vejo a minha parte nesse processo ?

Minha parte é simples, mas tão importante como a parte de Deus.

É Deus quem determina minha parte no processo. Ele não irá fazer sua parte se eu não fizer a minha. Vocês vieram a Deus por meio de anjos que pregavam o evangelho e formavam discípulos e obreiros ? Certamente, não.
Se vemos nossa obra dentro desse contexto, nos sentimos muito mais tranquilos, e empregamos todo nosso entendimento para fazer bem a simples parte que nos toca na obra do Reino de Deus. Se me permitem, tão absoluto como querer formar um ovo ou um frango, seria para mim formar um obreiro. Acaso, não é formidável um obreiro do Senhor ?

O obreiro do Senhor é um homem consagrado, submisso, manso, paciente, estável, firme, constante, cheio de fé, de decisão e visão, capaz de não desmaiar sob grandes cargas, emancipado de seu egoísmo, generoso, dedicado a servir e guiar outros, etc.

Se pensarmos que este produto foi obtido de um ser totalmente corrompido e inútil, só nos resta exclamar: Aleluia! Isto é obra de Deus.

Talvez agora compreendamos porque Jesus declarou acabada sua obra quando, na verdade, observando a situação de seus discípulos, pareciam muito longe de estarem formados.
Evidentemente, Jesus colocou toda sua confiança na posterior obra do Espírito Santo. Para Ele era suficiente. O Pai se encarregaria disso. O Pai era o lavrador.

6) CONCLUSÃO

Uma breve síntese, do essencial que se depreende de nosso estudo:

1. Na obra de formação de obreiros, primeiramente tenhamos como objetivo que cada discípulo seja um obreiro. Entendamos que isso é o normal, que é o que Deus nos propôs. Recomendo que fundamentemos nossa convicção em uma compreensão clara das escrituras.

2. Devemos prestar muita atenção no evangelho que pregamos.
É necessário compreendermos que desde o chamado começa a formação de obreiros.
Devemos estar seguros, ao pregar, estamos fazendo um chamado a um compromisso com Cristo, a fim de que o discípulo sirva eficazmente na causa do Reino de Deus sobre a terra.

3. Asseguremo-nos que, ao receber os novos convertidos, lhes estejamos provendo o contexto indispensável para que cada um deles se formem em obreiros úteis para o Senhor.

O exemplo dos pastores:

Principalmente os pastores, que geralmente têm todo seu tempo dedicado à obra, sejam exemplo em imitar a Jesus. Que ponham seus pés nas mesmas pisadas do Mestre, imitando-o não somente em sua santidade, mas também em seu modo de trabalhar. Selecionando a outros para que lhes acompanhem, cheguem assim a formar sua "equipe", imitando Jesus em dar-lhes exemplo e companheirismo. Enviando-os para imitar-lhe quando já estiverem preparados.

A união dos membros que formam juntas

A Igreja não deve ser um grupo de pessoas desintegradas, que assiste as reuniões, mas sim UM CORPO, BEM AJUSTADO POR TODAS JUNTAS QUE SE AJUDAM MUTUAMENTE...

ROGUEMOS AO SENHOR DA SEARA QUE ENVIE OBREIROS PARA A SEARA.

IVAN MARTIN BAKER